

Salve, salve meu rei, versus Brasil, ame-o ou deixe-o

Elionora Silvéria da COSTA¹

O presente artigo vai focar alguns aspectos da presença do negro na sociedade brasileira a partir do personagem *Goleiro* no filme “*O Ano em Que meus Pais Saíram de Férias*”. No espaço restrito da narrativa fílmica, calidoscópico da convivência entre os mais diversos grupos humanos representados pelas colônias de imigrantes italianos, judeus, gregos que afluíram para o Bairro do Bom Retiro em São Paulo, é nítida a ausência quase total de personagens negros, estando o elemento afro sub-representado. O goleiro, único personagem negro do filme, não corresponde ao percentual – à época bastante expressivo – de afrodescendentes na população paulistana. Em 1970, ano em que se passam os fatos narrados, a cidade de São Paulo contava 5.924 milhões de habitantes e desses, aproximadamente, 30% ou 1.777 milhões de negros². Talvez este



não seja um fato isolado, já que na maioria das vezes a participação de atores negros nos meios de comunicação de massa e outros produtos culturais do país esteve condicionada à submissão aos fundamentos da ideologia do branqueamento e ao mito da democracia racial³.

¹ Formada em Letras, é partícipe do Grupo de Estudos de Cinema e Literatura da FFC/UNESP e também do NUPE – Núcleo Negro de Pesquisa e Extensão da UNESP

² Dados do site oficial da Prefeitura da cidade de São Paulo e IBGE

³ Sobre este assunto ver: FERNANDES, Florestan. *Integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo, Ática, 1978. ou. *O Negro no Mundo dos Brancos*. São Paulo: Difel, 1972.

No filme “*O ano ...*”, além da sub-representação do negro, outro aspecto que desperta atenção é a quase total ausência de contato físico entre as pessoas. Embora o menino “abandonado” seja colocado ali no seio da comunidade judaica, e esta o acolha com respeito e cuidados, não há demonstrações de ternura ou carinho em excesso. Mesmo a relação entre Schlomo (adulto sob cuja responsabilidade o menino fica) e o garoto Mauro é fria e distante: eles quase nunca se tocam. Na verdade, o primeiro contato físico que acontece entre os dois é no mínimo desastroso. O menino, deixado por sua própria conta sem a presença de um adulto, usa o xale cerimonial religioso (TALIS) de Schlomo durante um inocente e solitário bate-bola no corredor do prédio. Quando o adulto vê o garoto usando o xale como simples adereço, dá-lhe violenta bofetada.

Talvez por sentir-se abandonado, pela frieza e distanciamento das suas novas relações, ocorra uma identificação imediata com o *Goleiro* – jovem negro e forte – namorado de Irene. Na plasticidade de seus movimentos o goleiro precisa “voar” desafiando a lei da gravidade para abraçar a bola, e, na partida, é o único que não pode falhar. O “Goleiro” é indicativo da presença de milhares de outros negros que na década de 1970 circulavam pela região do Bom Retiro. Ele claramente demonstra seu grau de esperteza na cena em que o menino assiste ações de violência policial contra uma manifestação estudantil qualquer. Curioso, atraído pelo que vê, Mauro queda estático, tentando vislumbrar entre os agredidos talvez seus pais ausentes. Nesse momento, o “Goleiro” aparece do nada e o tira dali chamando: – *Vem garoto!* Ao agir assim ele mostra dominar os mecanismos de circulação e sobrevivência num espaço potencialmente hostil a estudantes e intelectuais envolvidos no pensamento de esquerda. Em plena ditadura militar, as ruas representavam *locus* de tensão, perigo e conflito potencial. Espaço que histórica e culturalmente restringiu ou hostilizou a circulação de afrodescendentes que não estivessem devidamente enquadrados nos seus códigos e valores.

COSTA PINTO, Luiz de Aguiar. *O Negro no Rio de Janeiro: Relações de Raças numa Sociedade em Mudança*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953

Os militares movem o pano de fundo de uma série de ações cruciais ao desenvolvimento da história: liderança política, censura e repressão, inflação galopante, “milagre econômico”. Aspectos que de certa forma não alteram o cotidiano de grande parte das pessoas “de cor” já que, para estas, o braço armado do Estado sempre esteve mais associado à violência e repressão do que à garantia dos direitos individuais e coletivos. O Brasil e outros países latino-americanos têm uma longa tradição de cultura autoritária e de intervencionismo dos militares na política.

Em 1964 os militares tomaram o poder e implantaram a ditadura, usando como justificativas a agitação política e a desorganização econômica. A sociedade civil, pega de surpresa, é espoliada de mecanismos básicos de organização: sindicatos, associações, partidos políticos sofrem intervenção, fechamento ou reorganização de suas diretorias e reordenamento das suas atividades. Em 1969 assume a presidência o general Emílio Garrastazu Medici. Seu governo, considerado o mais duro e repressivo de todos, tornou-se conhecido como "anos de

chumbo". A repressão à luta armada cresce, sendo colocada em execução uma severa política de censura a veículos de comunicação e expressão artística. O DOI-Codi



(Destacamento de Operações e Informações e o Centro de Operações de Defesa Interna) atuam como centros de investigação e repressão do governo militar.

Neste cenário os pais deixam o garoto com seu avô e “saem de férias”. O termo “férias” sendo aqui representativo de desaparecimento, prisão, tortura e, no limite, da própria morte. Passado algum tempo, a mãe ainda consegue retornar, porém o pai desaparece em “férias” para sempre. Até esse momento ainda não temos inserida a figura do goleiro, que só vai aparecer mais tarde: aproximadamente aos 45 minutos do filme. Nosso personagem negro não chega a incorporar elementos suficientes para uma análise mais abrangente. Dele não sabemos o nome, qual sua origem, seu trabalho,

família, preferências, etc. Sua inserção dá-se principalmente no imaginário de Mauro e, no máximo, podemos supor que seu nome seja Edgar, pois na cena em que o time adversário está prestes a chutar um pênalti, Irene, a namorada, vibra e grita este nome do meio da torcida.



Anônimo ou quase, nosso personagem não é um qualquer. Talvez fosse representante da pequena e incipiente classe média negra de *colarinho branco*. Na primeira cena em que aparece, ele está montado numa motocicleta possante e

barulhenta, à semelhança de uma figura irreal, herói medieval montado em seu cavalo. Pelo menos aos olhos de sua namorada Irene, que monta em sua garupa, e do garoto Mauro, que lhe dedica admiração especial. Depois do “clássico do Bom Retiro” – partida de futebol entre italianos e judeus – Mauro descobre o que deseja para seu futuro: quer ser negro e voador como seu ídolo.

É provável que nosso personagem tivesse chegado a São Paulo numa das levas de migrações internas em busca de trabalho e melhores condições de vida. Na década de 1960, pela primeira vez, a população urbana torna-se maior que a rural no Brasil. Entretanto, quer fossem trabalhadores de *colarinho branco* ou profissionais liberais, trabalhadores afrobrasileiros não tiraram proveito do *Milagre Econômico* nem proximamente do grau em que o fizeram seus colegas brancos no final da década 1970.

No esforço rumo à conquista de novos espaços, qual seria afinal a auto-imagem que nosso personagem teria de si mesmo? Que experiências poderia compartilhar sobre o ser negro numa sociedade branca, de classe, ideologia dominante, de estética e comportamento brancos? Sendo o único negro da trama, encontra-se de certa forma isolado num bairro de classe média povoado pelos filhos de imigrantes. É historicamente vigiado, forçado a manter seus movimentos limitados ao universo do

conveniente permitido. *O goleiro: é aquele que não pode falhar quando todos falham...* Tal metáfora, entre outras interpretações, pode se referir ao estado de alerta mais ou menos constante que negros precisam manter frente ao racismo e suas manifestações.

Por outro lado, a desenvoltura com que se move no caldo das variadas culturas do bairro, e também o corte de cabelo estilo *black power*, podem ser indicativos de uma postura engajada no processo mundial representado pela Independência das colônias na África Portuguesa e pela conquista dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, que aconteciam naquele momento.

Conquista do espaço urbano - Com desembaraço o goleiro se movimenta pelas ruas de São Paulo, espaço complexo dada a interação social abundante e dinâmica, e de aspecto tumultuado por constantes e físicas transformações, presentes desde o século XIX. Além de tudo, consegue driblar especificidades do momento político adverso, cujas ações violentas eventualmente podiam se voltar contra negros – historicamente percebidos como “suspeitos” pelos órgãos de repressão.

Mauro projeta uma visão infantil não contaminada pelo ranço do preconceito contra os diferentes. Tal fica evidenciado ao tomar o goleiro negro do time do Bom Retiro, além dos jogadores da Copa de 70 (vários deles negros também), como seus ídolos. Embora se encontre no cerne de uma situação terrivelmente adversa, cuja complexidade não consegue apreender na totalidade, está claro que ele não foi educado sob o manto do preconceito e do racismo, comuns na sociedade brasileira. Em consequência do estado político, das ações diretas e cruéis do regime de exceção sobre a história de sua família, o garoto sofreu experiências profundas e, possivelmente, teve seu amadurecimento atingido ao enfrentar situações novas e inesperadas, como a separação de espaços conhecidos e de pessoas queridas.

Parecido com a situação de Mauro, o negro brasileiro muitas vezes é despojado dos elementos de seu universo conhecido. Face às proibições e limites impostos a várias de suas manifestações culturais e identitárias, torna-se quase um estranho na sua própria casa. Como o goleiro em uma partida de futebol, o menino estava só. Longos períodos à espera de uma ligação, ou outro sinal do retorno de seus pais. À semelhança de Mauro,

embora por razões diversas, o negro está por sua própria conta. Se no início do século XX a busca era pela conquista do espaço urbano, a mesma pode ser comparada hoje à penosa tentativa de ocupação de outros espaços que lhe são negados. Historicamente percebidos como suspeitos ou indesejáveis pelos órgãos de repressão, regulação e atendimento do Estado, os negros resistem a formas tradicionais de exclusão e às tentativas de sua invisibilização, redução ou desqualificação. Aqueles que nos primórdios do século XX lutaram contra iniciativas para afastá-los do centro, são os mesmos que hoje assumem o protagonismo da história e reivindicam sua participação efetiva na ocupação de todos os espaços, sejam físicos ou simbólicos.

Bibliografia

COSTA PINTO, Luiz de Aguiar. *O Negro no Rio de Janeiro: Relações de Raças numa Sociedade em Mudança*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro à sociedade de classe*; São Paulo: Dominus Ed./Editora da USP, 1965; apud SANTOS, Carlos José F. *Nem tudo era italiano – São Paulo e pobreza 1890-1915*, São Paulo: Annablume, 1998.

_____. *O Negro no Mundo dos Brancos*. São Paulo: Difel, 1972

Site consultado

http://www9.prefeitura.sp.gov.br/sempla/historico/tabelas/pop_brasil.php Acessado em 22/maio/2007. População nos Anos de Levantamento Censitário - Município e Região Metropolitana de São Paulo, Estado de São Paulo e Brasil 1872 a 2000.